



'O Banco Central tem, agora, meios de intervir no mercado. Os pequenos bancos serão liquidados'

Carlos Thadeu de Freitas



'A ajuda aos bancos abre espaço para que outros setores da economia pressionem o governo para terem o mesmo tratamento.'

Sulamis Dain



'Nossas regras contábeis de balanços são como um biquíni, mostram tudo, menos o essencial.'

Márcio Garcia

Fotos: Paulo Nicollia

No ano que vem, fica tudo igual

■ Inflação baixa, desemprego em alta e crescimento reduzido são as previsões

CARLOS FRANCO

O desemprego continuará em alta, a inflação em queda, o real valendo mais que o dólar e pequenos bancos se fundindo com outros para sobreviver. O ano de 1996 não será muito diferente desse, pelo menos na opinião dos economistas que participaram do *Balanço Mensal* do último mês de 1995: Dionísio Dias Carneiro e Márcio Garcia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio (PUC-Rio), Carlos Ivan Simonsen Leal, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Sulamis Dain, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e Carlos Thadeu de Freitas, ex-diretor do Banco Central e professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec).

"Não se pode esperar taxas de crescimento superiores a 3%, 4%", garantiu Dionísio Carneiro, argumentando que essas são taxas confortáveis e compatíveis com o programa de estabilização. Mas ele teme que as previsões nos primeiros quatro meses do ano sejam catastróficas, porque as medidas de flexibilização de crédito e compulsório adotadas neste fim de ano só terão reflexo posteriormente. "Haverá pressões em função da defasagem das estatísticas de produção e emprego".

A maior preocupação do economista, compartilhada por Sulamis Dain, está, no entanto, nas pressões de estados e municípios sobre o Tesouro, devido ao crescimento da dívida pública decorrente das taxas de juros e do fato de 1996 ser um ano eleitoral. "O governo precisará ter firmeza", destacou.

Taxas de juros — Carlos Thadeu de Freitas, contudo, vê um ponto favorável na comparação das taxas de juros adotadas no país com as do exterior. "Como a tendência é de que as taxas internacionais continuem baixas, haverá uma maior procura de crédito no exterior por empresas brasileiras". Isso, na sua avaliação, é positivo porque permitirá a troca de uma dívida mais cara e de curto prazo por outra, mais barata e com prazo maior.

Tanto Freitas como Carneiro apostam ainda em aumento das exportações, com um pequeno superávit na balança comercial em 1996. Carneiro disse que como ocorreu uma desaceleração e nada indica que haverá explosão de consumo, como no primeiro semestre deste ano, não haverá necessidade de fortalecer as importações para controlar os preços internos.

Também não há riscos de déficit na balança de pagamentos — a comaptação do que entra e sai,



PAUSA PARA O CAFEZINHO

Eu quero Sulamis Dain falava sobre o tratamento isonômico que alguns setores da economia e da sociedade vão reivindicar em relação à ajuda dada pela União ao sistema financeiro. "Afinal, quem não quer uma ajuda dessas?", perguntou, recebendo de pronto a resposta de Carlos Ivan Simonsen Leal: "Eu quero". Risos e complementos de Márcio Garcia: "Eu também".

Declínio Convidada a fazer a abertura do debate, por ser a única mulher na mesa, Sulamis

não resistiu: "Muito obrigado, eu declino desse falso privilégio dado às mulheres". Olhares trocados, Carlos Thadeu foi o primeiro a falar.

Ser ou não ser

Dionísio Carneiro apresentou um dilema shakespeareano sobre os títulos da dívida pública da União: "Eles são moedas podres porque insistimos em dizer que são podres, mas se considerarmos que serão honrados, serão bons". Dionísio defendeu que o governo valorize os seus títulos "porque são podres porque...".

Stop and go Sulamis falava da regulação dos serviços públicos a serem explorados pelo setor privado quando pontuou: "O problema é o go do stop and go". Dionísio acrescentou: "o risco é para onde go". Carlos Ivan deu a direção: "Prá frente". Dionísio emendou com uma pergunta: "Do princípio?".

Bang-Bang Dionísio criticou a divisão do governo entre mocinhos e bandidos. Os que são chamados de mocinhos querem a recuperação, a retomada do crescimento

da economia e têm mais tolerância com a inflação, enquanto os bandidos, querem menos inflação e assume os riscos da recessão. "Essa divisão existe, mas é péssima, ninguém ganha com ela", disse garantindo que todos serão mocinhos. "É uma questão de tempo, as soluções são graduais". Ou seja, é preciso fazer primeiro o papel de bandido para depois ser o mocinho do plano de estabilização.

Provisão Os economistas avaliavam o cenário internacional, quando Dionísio

lembrou que o país cresceu a 7% ao ano na década de 70 e depois só se recuperou um pouco a partir de 85. Carlos Ivan interrompeu: "É isso que me dá aflição porque se cair agora será por um período de dez anos". Sulamis retrucou: "Isso não é simétrico". Dionísio recuperou o fôlego e disse que na Bíblia há uma passagem em que o pastor tem sete vacas gordas que são devoradas pelos corvos e ele é obrigado a fazer provisões para a época das vacas magras. "É o sonho de José", exclamou Carlos Thadeu.